

A crise está de volta

Andrei Meireles

Os três candidatos à Vice-Presidência da República ameaçados pela Justiça Eleitoral de impugnação — os senadores José Paulo Bisol, Almir Gabriel e o ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans — foram escolhidos em processos bastante conturbados e polêmicos. E mais: têm uma origem comum — o ninho dos “tucanos”. Suas escolhas significaram um mínimo de tranquilidade para os candidatos ao Planalto, Mário Covas e Luiz Inácio Lula da Silva. E um ganho surpreendente, embora com parcos resultados, para o ruralista Ronaldo Caiado.

Bisol, que era o coordenador da campanha de Mário Covas no Rio Grande do Sul, foi a solução encontrada pelos partidos integrantes da Frente Brasil Popular, que se dividiam entre as candidaturas, para vice de Lula, do jornalista Fernando Gabeira e do escritor Antônio Houaiss. A Frente quase foi rompida, mas a escolha de Bisol a manteve, apesar de o Partido Verde ter saído fora e decidido concorrer ao Planalto com um candidato próprio. A escolha do vice de Lula tumultuou sua campanha, que só foi às ruas após a indicação de Bisol. Sua

eventual saída pode complicar novamente a campanha do PT.

O senador Almir Gabriel substituiu na chapa de Covas o ex-governador Roberto Magalhães, de perfil mais conservador, questionado pela ala esquerda dos “tucanos”. Antes de Magalhães aceitar ser o vice de Covas, o favorito para o posto foi justamente Camilo Calazans. Magalhães entrou na chapa dentro de uma estratégia do PSDB de ampliar à direita suas bases de apoio. A reação, especialmente dos tucanos pernambucanos forçou, a renúncia dele. Gabriel foi uma solução de acomodação.

Camilo Calazans, que ganhou notoriedade por ser demitido do Banco do Brasil com a aura de defensor de seus funcionários, transformou-se numa das maiores surpresas desta sucessão presidencial. Tido como o favorito para compor uma chapa com Covas e disputado por outros candidatos, especialmente pelo ex-governador Leonel Brizola, ao ser preterido no PSDB, optou por ser o vice de Ronaldo Caiado. Seu eventual impedimento na campanha eleitoral significará um desfalque para Caiado, mas não provocará nenhuma crise em sua restrita base de apoio.